



## A ARQUITETURA E A PRÁTICA DA SUSTENTABILIDADE JUNTO A ALDEIA GUARANI *TEKOHÁ AÑETETE* – DIAMANTE DO OESTE/PR

KÜHL, Gracieli Erna Schubert<sup>1</sup>  
PERIOLO, Tábita Mara<sup>2</sup>

### RESUMO

Este ensaio apresenta um estudo de caso baseado na interdisciplinaridade e que possui por finalidade discutir elementos que compuseram pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras/UNIOESTE. Assumiu-se enquanto metodologia o estudo de caso voltado a aldeia indígena Guarani Tekohá Añetete, situada no Município de Diamante do Oeste/PR. Nesta pesquisa serão enfatizadas questões envolvendo a atuação da Itaipu Binacional na dinâmica interna do grupo, no tocante ações desenvolvidas pela Binacional através do Programa Sustentabilidade das Comunidades Indígenas bem como a construção do espaço habitável a partir da arquitetura tradicional Guarani. Neste contexto serão apresentadas questões envolvendo práticas sustentáveis adotadas na construção de residências e casas de reza tanto por Guaranis quanto pela Itaipu Binacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** GUARANI, ITAIPU, ARQUITETURA, SUSTENTABILIDADE.

### ARCHITECTURE AND SUSTAINABILITY TO PRACTICE THE VILLAGE Guarani Tekohá Añetete - DIAMOND WEST / PR

This paper presents a case study based on interdisciplinarity and has for purpose to present elements composing research to prepare the dissertation, conducted at the Graduate Program in Society, Culture and Borders / UNIOESTE. Was assumed as the case study methodology oriented village indigenous Guarani Tekohá Añetete, located in Diamond City West / PR. This research will be emphasized issues involving the work of the binational Itaipu on the internal dynamics of the group, regarding actions taken by the Binational Program Sustainability of Indigenous Communities and the construction of habitable space from the traditional architecture Guarani. In this context issues involving sustainable practices used in the construction of homes and houses of prayer both Guaraní as the Itaipu will be presented.

**KEYWORDS :** GUARANI ; ITAIPU ; ARCHITECTURE ; SUSTAINABILITY.

## 1. INTRODUÇÃO

Discutir questões relacionadas a Sustentabilidade nas Ciências Sociais possibilita ao pesquisador um leque de temáticas consideravelmente amplo. Aliando a esta temática questões relacionadas a interdisciplinaridade, cria-se um contexto de pesquisa ainda mais volumoso e por consequência altamente produtivo. Em sendo assim, coloca-se como proposta de análise para a discussão que segue, a apresentação de um estudo de caso em que são enfatizados aspectos ligados a ações de sustentabilidade desenvolvidas no interior de um grupo indígena da etnia Guarani, utilizando como enfoque de pesquisa a interdisciplinaridade.

Sobretudo, antes de aprofundar a discussão acerca do objeto de estudo, cabe ressaltar a abordagem do conceito de sustentabilidade que permeia esta análise. Neste ensaio buscou-se como base uma definição da Organização das Nações Unidas, através do relatório Nosso Futuro Comum, publicado pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento em 1987. Segundo este documento, “Desenvolvimento sustentável é aquele que busca as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades.”

Sendo assim, as práticas desenvolvidas pelos Guarani serão analisadas pelo viés da sustentabilidade com ênfase para as ações que enquadram-se na definição de desenvolvimento sustentável citado acima, as quais visam atender as necessidades atuais do grupo, porém sem prejudicar o desenvolvimento das futuras gerações. Em se considerar o histórico do cotidiano de comunidades indígenas, é possível afirmar que estas já estabelecem algumas

<sup>1</sup> Gracieli E. Schubert Kühl é Historiadora, Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Campus da UNIOESTE/Foz do Iguaçu/PR, (Linha de Pesquisa: Território, História e Memória). Docente de História da Arquitetura e História da Arte na Faculdade Assis Gurgacz/FAG em Cascavel – PR. E-mail: [gracischubert@gmail.com](mailto:gracischubert@gmail.com)

<sup>2</sup> Tábita Mara Periole, graduada em Psicologia pela Universidade Paulista/UNIP, campus Araçatuba, São Paulo. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade Assis Gurgacz/FAG em Cascavel – PR. E-mail: [tabita.arquitetura@gmail.com](mailto:tabita.arquitetura@gmail.com)

práticas baseadas no desenvolvimento sustentável, visto que fazem uso dos recursos naturais de maneira a possibilitar sua manutenção e constante renovação para as futuras gerações.

Para desenvolver esta discussão, optou-se metodologicamente por um estudo de caso formulado a partir da etno-história, baseado em pesquisa de campo junto ao grupo Guarani que habita a Aldeia Tekohá Añetete, situada no Município de Diamante do Oeste/PR. A escolha deste grupo se deu em função de algumas peculiaridades, entre elas por ser um grupo fixado em uma região de tríplice fronteira internacional, bem como por se tratar de indivíduos atingidos pela formação do reservatório da Usina Hidrelétrica de Itaipu, na década de 80 e a posterior parceria instituída pela Binacional junto a este grupo visando a fixação dos indivíduos nesta região fronteiriça.

Os aspectos citados acima cedem a esta aldeia algumas peculiaridades que a difere de outros grupos indígenas do Paraná, fator este que influenciou diretamente na delimitação temporal e espacial desta pesquisa, constituindo portanto, como objeto de análise a Aldeia Tekohá Añetete, no Município de Diamante do Oeste, situada em região de fronteira internacional. O recorte temporal é fixado para o período que se estende dos anos 1970 até os dias atuais, também em função das especificidades citadas acima.

Sendo assim, os apontamentos que compõem a presente discussão têm como propósito ampliar as possibilidades de conhecimento de aspectos relacionados à cultura dos Guarani em relação a práticas voltadas a construção do espaço habitado. Para tanto serão abordadas duas ações de sustentabilidade desenvolvidas no interior da aldeia, sendo a arquitetura tradicional desenvolvida pelos Guarani e o Programa de Sustentabilidade das Comunidades Indígenas promovido pela Itaipu Binacional.

Em relação a construção do espaço habitado, destacamos o desenvolvimento da arquitetura tradicional por parte dos Guarani, que utilizam-se basicamente de produtos oriundos da natureza bem como de materiais diversos reutilizados a fim de manter as características construtivas, físicas e simbólicas de seu habitat.

Abordando o Programa de Sustentabilidade das Comunidades Indígenas desenvolvido pela Itaipu, a discussão destaca alguns tópicos gerais que compõe as ações, chamados eixos, com ênfase ao aspecto: melhoria da Infra Estrutura, a partir do qual foram construídas residências e casa de reza aos habitantes da aldeia. Cabe enfatizar que estas obras foram desenvolvidas levando em consideração materiais já presentes na arquitetura tradicional, como a madeira. Este cuidado foi tomado visando minimizar a intervenção de ações externas junto a dinâmica social do grupo, possibilitando desta forma a manutenção destes indivíduos enquanto unidade cultural.

Portanto, os elementos materiais estão sendo focados a partir da arquitetura dita 'tradicional' do grupo, com destaque para as características construtivas, materiais e técnicas empregadas, e, sobretudo, nas representações simbólicas presentes em cada elemento incorporado pelos Guarani na construção e no uso desses espaços.

Esses questionamentos serão abordados a partir do viés da interdisciplinaridade, pois se supõe que, através dessa perspectiva, tanto a metodologia quanto as fontes para a pesquisa proposta ganham corpo e se estendem por caminhos flexíveis e bastante atraentes, possibilitando a interação entre diferentes áreas do conhecimento científico tendo um objeto comum. Nesse sentido, é possível integrar diferentes disciplinas em torno do estudo da Cultura, tais como a História, a Antropologia, a Etnografia e a Arquitetura.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como suporte metodológico para o desenvolvimento desta atividade buscou-se como referência pesquisadores como Ciro F. Cardoso e Ronaldo Vainfas (1997), que discutem estratégias para o desenvolvimento de pesquisas científicas utilizando-se da interdisciplinaridade para estudos de caso. Buscou-se apoio, também, enquanto referencial metodológico, em obras de autores que discutem a produção científica pelo viés da etno-história, da etnografia, da história oral, da memória e do estudo de caso, características marcantes no âmbito metodológico desta pesquisa.

Segundo Cardoso & Vainfas (1997), desde muito tempo, a pesquisa científica e os métodos adotados para tal vêm passando por constantes transformações. Nesse processo, alguns paradigmas mantêm-se enquanto outros acabam por ser ultrapassados por novas correntes historiográficas que surgem. Muitas dessas transformações ocorrem em função das mudanças culturais, tecnológicas e mesmo sociais pelos quais vem passando a comunidade mundial. Ocorrem novos meios de comunicação, novas práticas sociais, novos valores, novas estruturas, entre outros aspectos que colaboram para as grandes renovações nas estruturas da sociedade atual.

Juntamente com essa “Revolução Social”, quase que obrigatoriamente ocorrem “Revoluções Científicas”, que levam ao surgimento de novos paradigmas, de novas formas de desenvolver pesquisas em praticamente todas as áreas do conhecimento.

A emergência de novos objetos no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc. [...] Com estes objetos novos ou reencontrados podiam ser experimentados tratamentos inéditos tomados de empréstimo às disciplinas vizinhas. (CARDOSO, 1997, p. 14-15).

Pode-se afirmar que a possibilidade de pesquisas interdisciplinares vinculadas ao método da história, por exemplo, surge no cenário científico em função da “revolução francesa da historiografia”, termo empregado por Peter Burke<sup>3</sup> para definir o surgimento da Escola dos Annales, que teve como objetivo inicial combater o método engessado que se tinha de produção do conhecimento histórico, onde o rigor científico forçava os pesquisadores a utilizarem apenas documentos oficiais para seus estudos, entre eles os documentos escritos, excluindo outras alternativas, como as mentalidades, a oralidade, as religiosidades, as práticas culturais, os objetos materiais, a iconografia, entre outras inúmeras fontes.

Nesse contexto interdisciplinar é possível encaixar a etnografia como opção metodológica para o estudo de grupos étnicos bem como para produção de fontes para pesquisa, como no caso deste ensaio. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira, citado por Jorge Eremites de Oliveira:

A pesquisa etnográfica consiste em três procedimentos básicos: “olhar”, “ouvir” e “escrever”. O *olhar* e o *ouvir* fazem parte da primeira etapa dos trabalhos antropológicos, aquela que é realizada em campo, isto é, o registro etnográfico de dados empiricamente observáveis. O *escrever* constitui a segunda etapa das pesquisas, a interpretação etnológica, quer dizer, a análise teórica dos dados etnográficos obtidos durante a observação do grupo estudado. (OLIVEIRA, 2011, p. 6).

O estudo etnográfico relacionado à perspectiva histórica permite que a etno-história possa ser definida como:

Um método interdisciplinar para estudar a história de grupos étnicos a partir de dados variados (arqueológicos, etnográficos, iconográficos, orais, textuais etc.). Seu foco maior esteve nos contatos interétnicos e nas consequentes mudanças socioculturais deles advindas, algo que somente é possível apreender quando considerado o processo histórico e sociocultural vivido pelas famílias indígenas estabelecidas na área estudada. (OLIVEIRA e PEREIRA, 2011, p. 6).

A história oral, permite aferir elementos relacionados às transformações por que passaram os grupos étnicos. Segundo CRUIKSHANK (FERREIRA & AMADO, 2005, p. 155):

Tanto como evidência sobre o passado quanto como evidência sobre a construção social do presente. [...] A tradição oral vincula o presente ao passado. Isso continua sendo de especial importância nas sociedades indígenas, nas quais o conhecimento genealógico tem papel significativo na explicação das regras que governam a organização social.

Utilizando-se da fonte oral enquanto recurso de pesquisa, é pertinente ressaltar a importância da memória no processo da pesquisa. Essa importância relaciona-se ao fato de que os aspectos relatados nos depoimentos são fruto da vivência dos entrevistados, das relações sociais estabelecidas, das lembranças e dos esquecimentos vinculados ao fato em questão.

Segundo Pierre Nora (1981), a memória é a vida própria de cada grupo social, imbricada de sentimentos e de emoções registrados por uma única pessoa ou por um grupo. Esses registros são vulneráveis frente a transformações, bem como são involuntárias ou conduzidas, fazendo com que a memória não seja totalmente pura, fiel aos dados de que a história necessita.

Com isso se justifica a opção metodológica com base na interdisciplinaridade, tendo em vista que a análise de grupos étnicos a partir desse viés se torna mais abrangente e, conseqüentemente, mais completa. Segundo Ronaldo Vainfas (1997), combinar abordagens distintas talvez seja o ideal, resguardadas as diferenças e até a oposição de

<sup>3</sup> BURKE, Peter. *A escola dos Annales* (1929-1989). São Paulo: Unesp, 1990. IN: CARDOSO, 1997. p. 195.

paradigmas. Sendo assim, "A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

Além das obras citadas acima, o suporte teórico para desenvolvimento desta pesquisa também se constitui de autores como Clifford Geertz (2011), Roberto Cardoso de Oliveira (2006), Fredrich Barth (1998), Gimenez (2009), entre outros. Esses pesquisadores abordam os conceitos relacionados à problemática proposta, e trarão como contribuição o aprofundamento das discussões em torno da utilização da cultura indígena, com ênfase na arquitetura como fonte para pesquisas histórico-culturais dos Guarani do Oeste do Paraná.

Estes referenciais sugerem a caracterização e a identificação do grupo étnico, no caso os Guarani do Tekohá Añetete, e remetem para uma etnografia fundada no método descritivo. A análise dos modelos arquitetônicos tradicional e contemporâneo sugerem a recorrência à história comparada, que segundo March Bloch (1928) requer que haja a possibilidade de se poder verificar semelhanças e diferenças para se fazer a comparação.

### 3. METODOLOGIA

A abordagem adotada tem por característica a interdisciplinaridade, fundada na Arquitetura, na Antropologia, na Etnografia, na História e na memória, entre outros. Esta abordagem está centrada em um estudo de caso baseado na cultura guarani, tendo como foco a produção do espaço habitado. Através de análise comparativa da arquitetura tradicional dos guarani na atualidade em relação a obras construídas por agentes externos junto à aldeia, pretende-se entender os mecanismos de incorporação dos elementos arquitetônicos ao cotidiano do grupo, através da perspectiva antropológica.

O enfoque dado à construção do espaço a partir da arquitetura busca enfatizar não somente a arquitetura como técnica construtiva ou a matéria-prima adotada, mas também, aprofundar a discussão do sentido cultural que as construções assumem perante as práticas tradicionais do grupo. Assim, dada à questão dos símbolos culturais que se encontram materializados através da arquitetura, é preciso considerar a função simbólica atribuída a essas obras enquanto parte constituinte de um território também construído simbolicamente.

Para colher as fontes que compõem este estudo foram utilizados os recursos de observações de campo, entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos, aliados à pesquisa bibliográfica teórica e à leitura de fontes específicas já produzidas sobre a temática, dando ênfase à fala dos Guarani. Foram registradas entrevistas em áudio e em vídeo abordando as definições que esses sujeitos utilizam para externalizar seus valores e suas crenças, seu universo simbólico em relação às representações materializadas através da arquitetura.

A seleção dos sujeitos para registro de entrevistas baseou-se principalmente no nível de informações e no papel social que exercem no grupo. Por outro lado, obedeceu-se o critério de permissão do registro em vídeo/áudio. Foi elaborado um roteiro contendo os pontos principais a serem abordados junto aos entrevistados, roteiro esse comunicado com antecedência aos entrevistados.

Entre os entrevistados durante a pesquisa de campo, cabe ressaltar que o professor Vicente Vogado é tido como um dos indivíduos que melhor expressa o cotidiano e a dinâmica cultural da Tekohá Añetete, pois é detentor de conhecimentos herdados de seus antepassados e transmite esses valores e conhecimentos aos mais jovens, enquanto professor na escola da aldeia. Além disto, ele domina o idioma português, aspecto que facilita a comunicação com os jurua/brancos. Ele afirma que conversa muito com os mais velhos, pois assim constrói o seu conhecimento para então repassar aos mais jovens. É preciso ter interesse nos assuntos tradicionais trazidos por seus antepassados para então ter o que ensinar aos mais jovens: "Nas sociedades sem escrita, a atitude de lembrar é constante, e a memória coletiva confunde história e mito. Tais sociedades possuem especialistas em memória que têm o importante papel de manter a coesão do grupo" (SILVA, 2006).

Esse aspecto demonstra, claramente, uma das principais características da cultura guarani, que é a formação da pessoa através da palavra. A palavra se forma através da fala, inclusive, no passado, as crianças Guarani somente eram batizadas pelo rezador quando iniciavam a fala, pois se acreditava que a partir desse momento o corpo possui sua alma formada, podendo inclusive receber o nome revelado pelo rezador.

Segundo o funcionário da Itaipu, João Bernardes, que atua junto às comunidades indígenas da região há mais de duas décadas, o professor Vicente atua como elo entre as gerações mais tradicionais da aldeia, e as gerações mais

jovens. Dessa forma, ele conquistou a liberdade de falar e o respeito por todos do grupo enquanto conhecedor, praticante e professor da cultura tradicional dos Guarani.

Ele tem um elo muito forte entre a geração nova e a antiga, o Vicente [...] é uma geração próspera da espiritualidade nos dias de hoje, poucas pessoas que possuem esta bagagem nas áreas indígenas, não é só daqui não, de muitas outras áreas, não se conhece uma liderança, uma formação de professor que carregue esta bagagem, mesmo quando ele fala em perguntar para os antigos, mas o que ele faz e o que ele presencia hoje já é cem anos na frente, uma pessoa de muita serenidade, uma pessoa que tem que ser vista com muito respeito, apesar de ser jovem ele tem toda a formação religiosa, você olha pra traz, os familiares dele, é algo que vem de muito longe e ele está carregando para os seus descendentes, isto é muito bom... (João Bernardes, entrevista concedida a Gracieli E. Schubert Kühl, em 19/12/2012 na Aldeia **Tekohá Añetete**).

Além das entrevistas com o professor Vicente, foram registrados também depoimentos com o professor João Alves, atual cacique da aldeia e com Augustinho, Guarani que reside no local; entre os depoentes não-guarani tivemos a colaboração de: João Bernardes, citado acima, funcionário da Itaipu há mais de duas décadas atuando junto às aldeias na região de abrangência da Binacional; com o antropólogo Rubem Ferreira Thomaz de Almeida, também presença constante e, muitas vezes, decisiva na trajetória histórica do grupo enquanto consultor da Itaipu para assuntos indígenas; com o indigenista Edívio Batistelli, funcionário da Fundação Nacional do Índio (Funai);

Em relação à arquitetura, foi realizado levantamento e registro das construções da aldeia, enfatizando a tipologia construtiva, o material e a técnica adotada, a disposição espacial no conjunto da aldeia, as representações simbólicas envolvendo as construções, entre outros aspectos. Elaborou-se, também, levantamento fotográfico das construções feitas pela Cohapar e Itaipu, registros em plantas arquitetônicas e demais recursos disponíveis.

#### 4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

##### 4.1 - CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: A ALDEIA *TEKOHÁ AÑETETE* E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Atualmente a Aldeia Indígena Tekohá Añetete possui população estimada de 300 pessoas, distribuídas em aproximadamente 78 famílias. Os núcleos familiares extensos estão organizados em torno das casas de reza, três no total, situadas em regiões distantes umas das outras dentro da aldeia.

O idioma guarani é falado por todos os habitantes da aldeia, já que entre eles a comunicação ocorre na língua tradicional. As crianças, os mais velhos, os rezadores e mesmo outros indivíduos.

Os Guarani enquanto família linguística, subdividem-se em vários grupos, entre eles Mbÿa, Kaiowa, Chiripa, entre outros. No caso desta pesquisa especificamente, constitui-se como informante chave o Professor Vicente Vogado, que se auto define como sendo descendente de Chiripás. Portanto, nesta análise serão expostas em maior quantidade características Chiripá muito em função do depoente, porém, não deixarão de ser apresentados aspectos similares aos demais subgrupos, principalmente em função da dificuldade em se distinguir uns dos outros.

O espaço compreendido pela aldeia corresponde atualmente a uma área territorial de 1774 hectares, situada na confluência dos Rios São Francisco Falso e São Domingos, Linha Ponte Nova, Município de Diamante do Oeste – PR. O espaço compreendido pela aldeia possui a forma semelhante à de um triângulo, sendo que em duas laterais é circundada pelos referidos rios e na terceira lateral encontra-se a divisa seca com o Município de Ramilândia/PR.

O relevo desta região caracteriza-se por topografia acidentada e coberta por algumas regiões de mata, inclusive a aldeia quando de sua constituição possuía apenas 40% de área agricultável, sendo o restante coberto por vegetação densa.

Segundo relato dos Guarani, o espaço físico da aldeia é ideal, porque é grande e possibilita que cada família possua a sua roça para sustentar seus dependentes, diferente de outras aldeias que são estreitas, o que dificulta o cultivo agrícola. Outro aspecto positivo é a presença da mata, o que favorece a caça, apesar de os animais estarem reduzidos, porém ainda existem.

Diferente do que ocorre em aldeias de outras etnias, os Guarani distribuem-se de maneira diversa no espaço, formando uma espécie de teia. Estas ramificações formam-se através de caminhos que ligam uma residência à outra e também às casas de reza. Eles não comungam de um núcleo ou pátio central com as moradias distribuídas regularmente

em torno deste; ‘a primeira impressão causada por um tekohá é de desorganização na ocupação do espaço disponível, como se as famílias tivessem se instalado aleatoriamente’ (ALMEIDA, 2001, p. 124), no caso dos Guarani as construções são dispersas no espaço, sendo ligadas fisicamente apenas através de estradas ou picadas.

No entorno destas residências são identificadas pequenas lavouras para cultivo agrícola. Na Aldeia Tekohá Añetete cada família possui sua porção de terra para plantio. Na família de Vicente, por exemplo, ele, o patriarca possui sua área, seus filhos outras próximas a dele, mas são distintas.

Esta organização segue características tradicionalmente praticadas pelos Guarani, como afirma Almeida em relação à organização desta etnia em tempos passados:

A economia estava organizada de maneira a permitir o trabalho comunitário na **koyguasú** [roça grande], cabendo paralelamente a cada família nuclear uma roça pequena de subsistência, independente da roça grande da família extensa, o princípio econômico da reciprocidade, distribuição e redistribuição dos bens produzidos era uma prática comum. (ALMEIDA, 2001, p. 125)

O Guarani geralmente é solidário com os demais, um ajuda o outro. Neste sentido, afirmam que quando uma família não possui determinado alimento, como, por exemplo, mandioca ou milho, as demais ajudam fazendo a doação deste produto.

Embora o Guarani seja incapaz de conceber a vida humana sem as alegrias da caça e da pesca, a base de seu sustento lhe é fornecida pela lavoura. (...), sobretudo, na situação atual... a importância das roças aumenta cada vez mais em detrimento das atividades suplementares (SCHADEN, 1975, p.37).

Nas áreas de lavoura são produzidos alimentos para sustento do grupo, entre eles milho, mandioca, batatas, abóboras, entre outros. Tudo o que é produzido é dividido com os mais próximos ou com aqueles que por vários motivos possuem dificuldades em produzir seu próprio alimento. Esta prática encontra-se amparada no que ALMEIDA (2001) define como princípio econômico da reciprocidade Guarani.

Segundo relatos colhidos na aldeia, estes Guarani comercializam seus produtos agrícolas quando ocorrem sobras nas colheitas. Esta ação visa arrecadar recursos financeiros para necessidades variadas, dentre elas as despesas relacionadas ao trabalho com a terra, já que algumas vezes eles utilizam tratores e máquinas terceirizadas para facilitar as atividades de plantio e colheita.

## 4.2 - AÇÕES DE SUSTENTABILIDADE PRESENTES NA ALDEIA TEKOHÁ AÑETETE

### 4.2.1 - Arquitetura ‘Tradicional’ representada nas obras atuais feitas pelos Guarani na Aldeia Tekohá Añetete

Quando se trata de arquitetura tradicional guarani, deve-se primeiramente rememorar algumas características culturais do grupo. Os Guarani organizavam-se originalmente no espaço a partir da disponibilidade de alimentos. A sua distribuição e a apropriação do espaço se dava a partir da fixação de pequenos grupamentos ou aldeias que lhes facultassem o acesso às dádivas da natureza na abundância necessária para a estabilidade dos grupos. Quando o espaço apropriado não mais propiciava o sustento necessário, partiam então para novos lugares, com a finalidade de encontrar a abundância para a manutenção do grupo. Nestes espaços as construções eram bastante rústicas e simples, pois a cada migração eram desmontadas e reconstruídas ou abandonadas. Portanto, estas e outras características influenciaram na forma como os Guarani tradicionalmente desenvolveram sua arquitetura.

Além das questões práticas relacionadas à técnica construtiva, é preciso considerar as transformações ocorridas neste processo a partir dos inúmeros contatos com outros grupos étnicos e, também, as constantes alterações ocorridas internamente, resultado natural da evolução cultural por que passam os grupos étnicos.

Portanto, discutir a arquitetura tradicional dos guarani, na atualidade, é mais do que refletir acerca das técnicas herdadas dos seus antepassados que, transmitidas e reproduzidas no tempo presente, representam a arte de construir abrigos. Significa, antes de mais nada, demonstrar alguns aspectos relacionados a um processo intenso de contato interétnico com os grupos envolventes, dominados e dominantes, que de alguma forma imprimiram mudanças na formatação arquitetônica que os Guarani na atualidade definem como tradicional.

Além disto, o próprio termo tradicional já induz a várias interpretações, principalmente quando se trata de pesquisas sob a ótica interdisciplinar. Isto porque para alguns o conceito de tradição pode ser considerado como estático enquanto para outros é um aspecto em constante transformação.

A discussão breve do termo tradição remete à palavra de origem latina *traditio*, que significa transmissão, ou seja, resume-se ao ato de repassar algo para alguém. Em se tratando de cultura, pode-se afirmar que é a transmissão de conhecimentos, práticas e valores de uma pessoa à outra, geralmente estendendo-se por várias gerações.

Tradição possui muitos significados: pode estar atrelada ao conservadorismo e ao resgate de períodos passados considerados gloriosos; pode ser inventada para legitimar novas práticas apresentadas como antigas. Muitas vezes é pensada como imóvel, mas hoje cada vez mais estudiosos percebem suas ligações com as mudanças. Está ligada ao folclore, à cultura popular e à formação de identidades (SILVA, 2006).

Refletir, portanto, sobre aspectos da arquitetura dita ‘tradicional Guarani’ significa esbarrar em questões teóricas e práticas que somente por uma opção metodológica baseada em estudo de caso pode tornar viável a pesquisa científica. Isto porque esta tradição arquitetônica atualmente se encontra envolta por tecnologias e materiais não indígenas e mesmo dentre as características próprias da cultura guarani, facilmente a pesquisa depara-se com divergências nos relatos, mesmo entre depoentes de uma mesma aldeia, como é o caso do Tekohá Añetete.

Segundo o antropólogo Rubem T. Almeida, em entrevista concedida para esta pesquisa:

É difícil você dizer que existe uma construção arquitetônica Guarani tradicional, porque se você ‘andar’ pelo Guarani do Paraná/Ilha do Mel, se pensar em Paraná/Pinhalzinho, Paraguai, Guarani do Rio de Janeiro, do Mato Grosso do Sul/Amambaí, você vai ter uma gama enorme de variações. Não se pode afirmar que exista uma construção tradicional. Então como é que eles fazem hoje? Será que hoje eles tendo o material disponível e as condições o que eles fariam? Neste caso a casa do Vicente é típica. [...] Tradicional é pensar como eles constroem hoje. (Rubem Ferreira Thomaz Almeida - Entrevista concedida a Gracieli E. Schubert Kühl, em 03 e 04/01/2013, Rio de Janeiro/RJ).

A definição de ‘arquitetura tradicional’ adotada para esta pesquisa define-se, portanto, a partir de entrevistas realizadas com os informantes Guarani que residem na aldeia. Estes por sua vez indicaram as obras classificadas como sendo tradicionais, bem como, suas características. Além disto, foram apresentadas imagens destas construções ao antropólogo Rubem Thomaz Almeida, que acompanhou a trajetória do grupo desde o processo de reivindicação do seu atual território, até pouco tempo, e que reforçou as informações relacionadas a esta análise.

É preciso registrar que a arquitetura do espaço habitado Guarani, que não se resume somente a casa em si, mas ao seu entorno. A partir desta percepção, pode-se adentrar na discussão sobre os materiais e técnicas utilizadas nas construções propriamente ditas, praticadas por indivíduos desta etnia, as quais representam a forma dita ‘tradicional’ de construção do grupo.

Segundo pesquisas registradas, em períodos anteriores, os Guarani construam e habitavam as casas grandes/ogajekutu, as quais abrigavam um número expressivo de indivíduos, componentes das famílias nucleares.

Tradicionalmente habitavam casas-grandes chamadas **ogajekutu** [casa fincada no chão] de um só bloco, sem qualquer divisão interna e paredes que se confundiam com o teto. Eram ocupadas por diversas famílias nucleares, que formavam uma família extensa, centralizada na pessoa de um chefe religioso, o qual dividia a organização política, social, econômica e religiosa do grupo com um líder político a ele subordinado. A ampliação das famílias nucleares correspondia a ampliação da **ogajekutu**, de maneira que todas as famílias permaneciam dentro dela (ALMEIDA, 2001, p. 125).

Atualmente, os Guarani constroem residências menores e casas de reza/opy. Outras obras praticamente inexistem dentro da dinâmica dos grupos. Em relação à técnica construtiva, estas obras apresentam-se de forma bastante simples, deixando para as questões simbólicas a presença mais marcante.

Outra característica marcante nesta organização espacial é que esta etnia elabora duas construções:

Cada família elementar constrói sua própria habitação, composta de duas construções fechadas [**koty**], uma ao lado da outra. Uma delas, em geral a mais ampla, constitui o espaço de dormir e é reservada à família. Raramente o visitante, principalmente se não é indígena, tem acesso a **koty**, local onde a família [**nemoña**] toma mate junto ao fogo [**tata ypype**], nas manhãs ou ao entardecer. (...) A outra construção também serve para abrigar a intimidade das famílias (nucleares), e é onde preparam e consomem os alimentos, funcionando também como despensa para armazenar os produtos da roça, as ferramentas e outros utensílios (ALMEIDA, 2001, p.131).

Segundo José Perasso e Jorge Vera (1986, p. 95), pesquisadores que analisaram etnograficamente os grupos Guaraní Chiripá com sede no Paraguai, “Los Chiripa construyen generalmente su og miri / og’i (vivenda familiar – nuclear) con cubierta a doble agua de jahape (imperata brasiliensis – sapê), cerrando las secciones laterales com bambusáceas, gramíneas, yvara e maderas diversas;”

Apesar de na atualidade serem avistadas habitações indígenas contendo elementos industrializados, geralmente reutilizados por estes grupos, a construção da residência típica Guaraní segue fazendo uso de materiais e técnicas herdadas dos antepassados com base em produtos disponíveis no ambiente natural.

Basicamente, são utilizados materiais naturais como o sapê, as folhas e o tronco da palmeira/pindó (*Arecastrum romanzoffianum*), galhos roliços de madeira, cipó e barro.

As paredes são de tronco de **pindó** (uma espécie de palmeira), cortados longitudinalmente e fincados no chão. Também utilizam como parede, quando há, a **takuara** batida, que forma placas amarradas à estrutura da casa. O telhado é preferencialmente de sapê, mas as ramas de **pindó** também podem ser utilizadas, apesar de serem menos apreciadas, por durarem menos (ALMEIDA, 2001, p. 132).

Esta palmeira/pindó possui ligação com a cosmologia Guaraní. Segundo os depoentes, ela representa um dos suportes que sustenta o mundo; em função disto a sua utilização na construção da opy é fundamental. Segundo Assis (2006, p. 153), “a denominação nativa de esteio, pindovy, (pindó, palmeira; vy, erguido, ereto, na vertical), expressa claramente a relação entre um e outro”.

Em relação à técnica construtiva das obras existentes no Tekohá Añetete, percebe-se que, igualmente como em outras construções, primeiro é feita a parte estrutural da residência: são cravados no chão, madeiras e galhos roliços ou troncos de palmeira na posição vertical, como se fossem colunas para sustentação das paredes; em seguida são afixadas as tesouras na parte superior da obra, com o mesmo material da parte inferior a fim de sustentar a cobertura.

Na imagem abaixo, a construção da direita apresenta apenas a fase estrutural da obra, enquanto a imagem da esquerda já possui a cobertura e algumas paredes. Esta cobertura mostrada na imagem possui peças de fibrocimento, diferenciando-se das obras tradicionais que utilizam fibras naturais. Ainda assim, a imagem foi mantida como forma de demonstrar a técnica empregada e também para reafirmar a presença de elementos não indígenas nas obras empreendidas pelos Guaraní. É possível presenciar esta prática em muitas casas na aldeia. Segundo relatos, isto ocorre em função da escassez de materiais na natureza local, levando-os a adotar elementos industrializados.



Imagem contendo duas construções, uma delas apresenta a parte estrutural e a segunda contém a cobertura e algumas paredes. Aldeia Tekohá Añetete, Município de Diamante do Oeste/PR, em abril 2012, por Gracieli E. Schubert Kühl.

As paredes também são feitas com troncos de palmeira ou galhos roliços de árvores, ambos com menor espessura, igualmente fincados no chão e amarrados uns aos outros com cipó preto. Em alguns casos é feito revestimento com um tipo de esteira, uma amarração de filetes de taquara trançados. Em outros casos o revestimento constitui-se de barro, disposto a partir de técnica semelhante às de construções de pau-a-pique, onde a trama de madeira e os galhos roliços ficam entre duas paredes de barro. Segundo relatos colhidos com representantes do grupo, estas duas formas de revestimento são utilizadas com a finalidade de vedação interna, proporcionando maior conforto térmico da casa.

As madeiras utilizadas são o marfim, o angico ou o rabo-de-bugio, pois são mais duras e não permitem que os carunchos as destruam. Esta madeira utilizada na construção é retirada da mata, porém, para isto existe um ritual



religioso a ser seguido. Antes da construção da obra em si, é necessário que o rezador local seja consultado. É ele quem dirá se a obra deve ser feita ou não. Em seguida os construtores vão até a mata e escolhem a árvore que melhor se adapta à obra que desejam construir.

Segundo o Professor João Alves, antes de cortar a madeira eles também precisam ir até a casa de reza para que o rezador peça permissão ao dono daquela árvore para que a mesma seja cortada e utilizada na obra. Somente depois deste processo é que o material é cortado, retirado da mata e levado ao local da construção. Segundo os Guarani, caso não seja solicitada esta permissão, o dono da árvore poderá trazer coisas ruins aos moradores da casa, inclusive doenças e morte.

A cobertura geralmente é feita com capim sapê (*Imperata Brasiliensis*) ou folhas de palmeira, conforme disponibilidade no local; são amarradas com cipó. Especificamente neste grupamento, em função da escassez dos materiais acima citados, está se fazendo uso de outro capim nas coberturas, chamado de capim Santa Fé, cultivado no local. Segundo o funcionário da Itaipu que atua nas aldeias da região, João Bernardes, existe a intenção de cultivar uma área maior desta planta a fim de haver disponibilidade permanente para atender a demanda das construções.

Segue imagem ilustrando uma residência em construção, onde é possível perceber a composição da cobertura com o referido capim Santa Fé, ainda verde, a colocação das paredes e principalmente as amarrações feitas com cipó. Nos exemplos apresentados abaixo, não se fez uso de materiais industrializados como pregos ou arames, é definido como ‘tradicional’.



Construção de residência ‘tradicional’ no Tekohá Añetete. Detalhe para o uso de capim Santa Fé na cobertura, paredes de roliços e amarrações de cipó. Em dezembro de 2012, por Gracieli E. Schubert Kühn.

O piso no interior das residências é de chão batido. Esta técnica possibilita outro aspecto ligado à cosmologia Guarani, que é a prática ligada ao fogo de chão. Como citado anteriormente, a manutenção do fogo de chão está relacionado à manutenção da saúde e à cura de doenças, além do preparo de alimentos como o milho. A fumaça produzida pelo fogo está relacionada à cura de muitas doenças e outros males que podem acometer os indivíduos.

O interior das construções guarani geralmente não possuem divisões; o fogo de chão fica no centro em torno do qual as atividades são desenvolvidas. Quando ocorrem divisões internas, são para formar o quarto ou cômodo de descanso onde ficam os locais para repouso, embora estas situações sejam incomuns.

Em tempos mais distantes, não existiam camas no interior das casas, mas somente folhas de palmeira devidamente dispostas no chão, formando uma espécie de colchão. Em período mais recente, é possível encontrar as tarimbas, um estrado de madeira utilizado como cama. Tanto as acomodações feitas com folhas de palmeira quanto às tarimbas são organizadas no entorno do fogo de chão.

A mão de obra para construção é coletiva. O futuro morador conta com a ajuda dos demais membros do núcleo familiar. Quando se trata da construção de uma casa de reza, onde é necessária a participação de um número maior de pessoas, ocorre o que alguns autores chamam de potirõ.

O **potirõ** é uma modalidade social importante para estimular as relações e vínculos entre os grupos locais. Nestas ocasiões estabelecem-se, reforçam-se ou reordenam-se alianças políticas e de parentesco. Esta categoria de atividade está pautada no valor do **mborayu** / reciprocidade, generosidade. (...) É acionado para aquelas atividades que requerem um número amplo de pessoas, para além da família nuclear (ASSIS, 2006, p. 158).

Conforme referência anterior, além das residências, os Guarani constroem as casas de reza/Opy, que é o lugar onde se centralizam as manifestações religiosas e também alguns rituais de cura. Cada grupo familiar (ñemoña) deve ter sua casa de reza.

A técnica construtiva que antecede a implantação da casa de reza é idêntica a das residências; segue o padrão com paredes de roliços de madeira, chão batido e cobertura de fibra vegetal seca. As representações simbólicas encontram-se mais fortemente registradas nestas obras.

Portanto, ao finalizar este tópico, ressalta-se que foram abordados aspectos culturais dos Guarani registrados através da arquitetura desenvolvida de maneira sustentável, sendo esta uma representação do universo cosmológico do grupo, permeada por símbolos que compõe o imaginário coletivo dos habitantes do **Tekohá Añetete**. Sendo assim, pode-se afirmar que “O símbolo é sempre um produto de natureza altamente complexa que se constitui de dados racionais e irracionais fornecidos pela simples percepção interna e externa, isto é, afeta tanto o pensamento quanto o sentimento, mexe com a sensação e a intuição” (SCHALLENBERGER, 2011, p.03).

#### 4.3 - PROGRAMA SUSTENTABILIDADE DAS COMUNIDADES INDÍGENAS IMPLANTADO PELA ITAIPU BINACIONAL NA ALDEIA TEKOHÁ AÑETETE

A pesquisa para elaboração deste tópico contou basicamente com os documentos disponibilizados pela Itaipu e com as reuniões e entrevistas com funcionários da Binacional que participam de alguma forma de ações cotidianas desenvolvidas junto ao Tekohá Añetete. Entre eles: Marlene Curtis, Valdecir Maria, Eduardo Pavan e, principalmente, João Bernardes, que trabalha constantemente no interior das aldeias, prestando auxílio na implantação das ações do Programa de Sustentabilidade das Comunidades Indígenas, desenvolvido pela Itaipu.

Além destes, contou-se também com o depoimento do antropólogo Rubem F. Thomaz Almeida, que foi consultor da Itaipu para questões relacionadas às comunidades indígenas situadas na região de abrangência da Binacional. Dos depoimentos do antropólogo foram destacados para a presente análise dois momentos: a criação do Tekohá Añetete, da qual participou ativamente no processo de definição do local e de re-locação destes Guarani; e na implantação do Programa de Sustentabilidade das Comunidades Indígenas, onde teve participação decisiva na definição e na aplicação prática das ações.

Após a aquisição do espaço e a relocação dos Guarani para a nova aldeia, a Itaipu Binacional empreendeu uma série de ações visando fixar os indivíduos neste novo espaço. Porém esta prática não obteve o resultado almejado, fato que levou a Binacional a desenvolver ações mais incisivas e diretas junto ao grupo. Sendo assim, entre 2000/01, destaca-se um apoio maior ao desenvolvimento da agricultura praticada pelos Guarani, tendo em vista que estas práticas compõe as ações tradicionais da etnia e que, portanto, deveriam ser fomentadas para que o grupo alcançasse autonomia.

Este contato mais próximo entre a Itaipu e os Guarani fez com que aos poucos fossem expandidas estas ações para outras áreas, até o momento em que estas atividades foram agrupadas em um grande projeto de instalação permanente nestas aldeias. Este projeto, intitulado ‘Sustentabilidade das Comunidades Indígenas’, teve como intuito inicial atender, de maneira ampla, diversas necessidades existentes no interior destes grupos.

Aparentemente estas ações hoje agrupadas em um programa, não tiveram a intenção de ressarcir os Guarani em relação a prejuízos causados pela Binacional no passado, mas sim, instituir como missão prestar apoio a estas comunidades. O principal objetivo a ser atingido com estas atividades é o de fixar estes Guarani em seus territórios, oferecendo suporte para que atinjam autonomia na produção de gêneros alimentícios e renda, bem como na valorização cultural, evitando com isto a migração para os centros urbanos em busca de sustento. Atualmente três aldeias são atendidas pelo Programa de “Sustentabilidade das Comunidades Indígenas”: os Tekohas: Oco’y, Añetete e Itaramã.

Portanto, desde 2003 este programa atua junto a estas aldeias, sendo desenvolvido através de parceria com o Município de Diamante do Oeste. Marlene Curtis, funcionária da Itaipu e uma das coordenadoras destas ações, afirma que a intenção não é promover assistencialismo, mas prestar apoio aos Guarani a partir de seus próprios anseios e necessidades.

Segundo a equipe de funcionários que cederam as informações aqui descritas, toda e qualquer ação somente é empreendida se possuir o consenso por parte dos Guarani. Muitas vezes estas atividades ocorrem em resposta a solicitações feitas por eles próprios, que reivindicam serviços e melhorias relacionados à infraestrutura entre outros pedidos, sempre voltados à melhoria da qualidade de vida da coletividade a qual pertencem.

Segundo Rubem Thomaz Almeida, que durante o período de implantação do programa prestou consultoria à Itaipu, esta foi uma das orientações repassadas por ele: “ouvir as populações envolvidas e com elas discutir seus próprios problemas e as soluções que apresentam é um caminho capaz de orientar ações mais adequadas como se pretendeu apontar aqui” (ALMEIDA, Relatório 2006).

Dentre as principais características que configuram este programa, destacam-se cinco eixos norteadores das ações empreendidas. Todos eles estão descritos abaixo conforme apresentados no Relatório Cultivando Água Boa+8 2003/2010, disponibilizado pela Equipe da Itaipu para compor as fontes de informações desta pesquisa. Os Eixos são:

1 - *Produção agropecuária*: voltado à aquisição de equipamentos para plantio, insumos, animais e sementes; preparo de solos; apoio ao Projeto bovinocultura de Leite, à apicultura e à criação suína; apoio à produção de peixes em tanques-rede; apoio e acompanhamento em viagens para realização de visitas técnicas; e implantação do Projeto de Plantas medicinais.

2 - *Fortalecimento e promoção da cultura Guarani* – este eixo tem por função auxiliar ações de resgate cultural como apoio às apresentações dos corais indígenas através da disponibilização de transporte, alimentação, roupas e equipamentos. Presta também apoio à produção de artesanato através da disponibilização de transporte para eventos, alimentação, roupas, equipamentos e cursos como o de tintura natural em tecido através de parceria com o Centro de Artesanato Nandeva/ITAIPU. Além destas ações, recentemente foram empreendidas atividades visando fomentar as práticas áudio-visuais para divulgação do modo de ser guarani e fortalecimento da identidade étnica; realização de eventos comuns às aldeias em especial a Semana Cultural Indígena e patrocínio a viagens para eventos que discutem a valorização e o respeito à diversidade.

3 - *Estímulo à formação de parcerias* através do fortalecimento da rede de atores sociais, públicos e privados, preocupados com a sustentabilidade Guarani e com a defesa dos direitos desta etnia. (Relatório Cultivando Água Boa+8, 2003/2010, p. 59-61).

4 - *Segurança alimentar e nutricional infantil* – este eixo tem por função garantir o acesso a produtos saudáveis por parte dos Guarani. Além da disponibilização desta alimentação, ocorrem também capacitações permanentes para as mulheres da aldeia através de visitas constantes de nutricionistas, as quais auxiliam na preparação destes alimentos. Semanalmente as crianças passam por avaliação para acompanhar o desenvolvimento das mesmas. Segundo João Bernardes, atualmente o índice de desenvolvimento das crianças do Tekohá Añetete indica que não estão em situação de risco alimentar, graças ao acompanhamento feito por este programa.

5 - *Melhoria da infraestrutura*, com a construção, adequação e manutenção de estradas, casas para moradia com rede elétrica, casas de reza e centros de artesanato, construção e reforma de centros de nutrição e casa de máquinas/equipamentos, construção de cisternas, entre outras ações.

A partir deste último eixo – melhoria da infraestrutura - no final de 2003 e início de 2004, por iniciativa dos próprios Guarani, foi solicitada à Itaipu a construção de casas na aldeia, visando melhorar a qualidade de vida da população local.

Com esta solicitação, a Binacional formou um grupo de estudos para averiguação de características e definição de modelos arquitetônicos que estivessem em sintonia com a cultura guarani. Este grupo foi coordenado pela arquiteta Julia Henriques, que contou com a participação de outros funcionários da Itaipu, além dos próprios Guarani, entre eles João Alves e Vicente Vogado.

Além de inúmeros encontros para discussão da temática, o grupo realizou visita a grupos Guarani que atualmente habitam a região missioneira do Estado do Rio Grande do Sul/BR, a fim de identificar modelos e técnicas construtivas tradicionais e a partir disto definir o modelo a ser implantado pela Itaipu nas aldeias locais. Segundo João Alves, este local foi escolhido pelo fato de ter participado de programa habitacional implantado pelo governo gaúcho. Como resultado desta viagem, foi definido o modelo a ser seguido, priorizando a utilização de materiais de uso tradicional dos Guarani, como a madeira.

Este modelo ficou assim definido: planta central em formato retangular com duas varandas arredondadas nas extremidades do retângulo. O interior é de chão batido no cômodo conjugado cozinha/sala, para possibilitar a prática do fogo de chão; nos dois quartos existentes está presente o assoalho de madeira e as paredes possuem mata-juntas para vedação, evitando a entrada de vento e oferecendo maior conforto térmico aos habitantes; as paredes externas foram feitas com eucalipto do tipo *citriodoro*, tratado em autoclave, posicionados verticalmente na obra; as aberturas, janelas e

portas, são de madeira; o telhado possui dez águas e é feito com telhas de barro. Possui ainda duas varandas, sendo uma em cada extremidade da casa, além de um banheiro externo.

O material para a cobertura foi definido como sendo de telhas de barro, porque o sapé, de uso tradicional, é material que muito em breve estará extinto da região, obrigando-os a adaptar-se a materiais industrializados como a telha; por isto eles optaram desde o início pela cobertura com telhas de barro. Todo o material utilizado nas obras tem origem de fora da aldeia e a mão de obra para construção destas casas foi de não-índios.

Seguem fotografias dos modelos executados no Añetete:



Imagens internas e externas de residências construídas pela Itaipu. Fonte cedida pela Binacional em dezembro de 2012.

Este modelo de casas desenvolvidas por Itaipu buscou atender aos aspectos culturais dos Guarani, entre eles a questão da relocação das casas em outros espaços. Esta prática está relacionada ao fato de que, por motivos ligados a práticas cosmológicas, os Guarani mudam o local de suas residências, mesmo sem sair do seu tekohá. A construção da residência sendo feita toda com roliços de eucalipto facilita a desmontagem, o transporte e a remontagem em outro local. Destaca-se com isto uma das diferenças das habitações feitas pela Itaipu daquelas feitas pela Cohapar, como citado anteriormente.

A primeira casa construída pela Itaipu serviu de protótipo, através da qual se apresentou o modelo aos Guarani, visando obter a aprovação ou para que indicassem as alterações necessárias. Esta residência pertence ao Leonardo, morador da aldeia, e existe até os dias atuais aparentemente sem alterações, a não ser a construção do anexo ao fundo, para abrigar o fogo de chão.

Foram construídas pela Itaipu, no Tekohá Añetete, 36 casas de moradia, que em sua maioria estão dispostas no entorno de uma das estradas que circundam a aldeia. Este caminho foi batizado por eles como estrada Guarani, demonstrando a importância simbólica que estas obras assumiram perante a dinâmica interna, cultural e social destes indivíduos.

Existem no Tekohá Añetete e no Tekohá Ocoy casas de reza construídas pela Itaipu. Estas obras seguiram as características definidas pelos Guarani, repassadas, no caso do Añetete, aos técnicos através de um desenho feito no chão pelo rezador Jerônimo Vogado, pai de Vicente. Portanto, o modelo foi definido pelos Guarani e desenvolvido pela Itaipu. Este processo também contou com a participação do antropólogo Rubem Thomaz Almeida, atuando muitas vezes como interlocutor entre as aldeias e a Itaipu.

No processo de definição do projeto para construção da casa de Reza no Tekohá Añetete, a pedido da Itaipu, Almeida emitiu um parecer ressaltando algumas características específicas a serem observadas. Segundo ele, os Guarani do Añetete:

- Entendem que a casa de reza não deve ter janelas, o que impediria, para os Mbya, a entrada na **opy** das entidades divinas reverenciadas.
- A casa não deve ter mais do que uma porta com largura para a entrada de uma pessoa. Esta porta deve estar voltada para o sol nascente (“**kuarahy oikoteve opyta oga renondepe**”).
- A casa deve ser **bem fechada** (eventualmente com mata-junta) para que o ambiente ritual criado pela fumaça sagrada produzida por seus cachimbos se mantenha.
- Embora lamentando, não importa que a casa seja coberta com telhas de barro.

- Solicitam que as 'varandas' que constam no desenho sejam eliminadas e que a casa se amplie 'para que caiba maior número de pessoas'.

- A 'varandas' deveriam ser eliminadas dando lugar a uma parede reta, o que faria com que a casa venha a ter apenas duas águas.

- A altura das paredes seria, conforme discutido, de 1,70m e a cumeeira de aproximadamente 3,50m. (Arquivo da Itaipu. Correspondência emitida por Rubem Thomaz Almeida à Itaipu em 28/03/2006).

Atualmente existe somente uma casa de reza feita pela Binacional no Añetete; porém o núcleo familiar do Professor Vicente já solicitou a construção de uma casa de reza para sua parentela. O local será definido pelo rezador, ele é quem receberá as orientações sobre o local adequado para a construção.

Questionado sobre as semelhanças e diferenças entre uma casa de reza feita pelos Guarani, a partir da técnica tradicional, e uma casa de reza feita por agentes externos, neste caso a Binacional, Vicente afirma que uma casa de reza grande, nova e bonita, como é o caso da obra feita por Itaipu, atrai muitos Guarani que estão distantes das cerimônias que ocorrem no local. Além disto, a casa de reza de Jerônimo Vogado, rezador e pai de Vicente, é consideravelmente pequena para a quantidade de pessoas que compõe o núcleo familiar e que, portanto, fazem uso da referida obra. Afirma, também, que a manutenção da obra utilizada por eles atualmente é muito grande, pois os materiais usados na construção não são adequados, gerando constantes reformas que dependem de valores financeiros não disponíveis.

Sendo assim, a substituição da casa de reza apresentada acima por uma obra nova, faz com que a expectativa do Professor Vicente seja a melhor possível, pois segundo ele aumentará consideravelmente o número pessoas durante as cerimônias que ocorrem.

Ainda segundo Vicente Vogado, as questões simbólicas relacionadas à casa de reza enquanto elemento central na organização espacial, religiosa e mítica do grupo são instituídas após a conclusão da obra, quando a mesma passa pelo batismo para então ser tomada como centro religioso.

Evidente que esta atitude demonstra uma adaptação em relação às práticas tradicionais dos Guarani de construir suas casas de reza, que compreendiam um ritual a ser seguido que antecedia o início da obra. O que se pode perceber é que o fato de a Itaipu construir a casa de reza não altera a função da mesma enquanto centro religioso de grupo. Possivelmente, este aspecto esteja relacionado ao fato de que o sentido do local seja transmitido através das palavras do rezador, que se mantém vivas e significativas, independente da estrutura física que envolve o ritual.

Sendo assim, pode-se perceber que a arquitetura material, aquela que é visível, palpável e descritível não representa tudo aquilo que realmente faz sentido ao 'modo de ser Guarani'. É, portanto, a força das palavras e das ações que justificam toda a dinâmica religiosa do grupo e não as características físicas apresentadas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio proporcionou relevantes aportes, no que refere-se aos aspectos ligados as ações de sustentabilidade na aldeia, evidenciou existir a prática quando o Guarani mantém o processo de corte das árvores para construção das casas. Assim como também, existe quando ele reutiliza materiais descartados para construção de suas habitações.

Essa práticas sustentáveis estão atreladas as técnicas herdadas, e a utilização desses recursos naturais, juntamente com os recursos industriais disponibilizados pela Itaipu, contribui para o desenvolvimento mantendo sempre as tradições, a arquitetura tradicional, as memórias e simbologia do grupo.

Em relação a sustentabilidade social, nota-se a presença quando a Itaipu implanta o Programa Sustentabilidade nas Comunidades Indígenas, isto porque permite que o indivíduo mantenha suas raízes na Aldeia, que é seu local original, sem que empreenda fuga deste espaço em busca de outros locais ou até mesmo passe a habitar centros urbanos.

## REFERENCIAS

ALBERNAZ, Adriana Repelevicz. **A interpretação do mundo e projetos de futuro dos Ava-guarani de Ocoy**. In: Revista Espaço Ameríndio, Porto Alegre, 2007.

ALMEIDA, Rubem Ferreira Thomaz. **Do desenvolvimento comunitário à mobilização política: o Projeto Kaiowa-Ñandeva como experiência antropológica.** Rio de Janeiro: Editora Contra Capa: 2001.

AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & abusos de história oral.** 7 edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ASSIS, Valéria Soares de. **Dádiva, mercadoria e pessoa: as trocas na constituição do mundo social Mbyá-Guarani.** Tese de doutorado apresentada ao PPG em Antropologia Social, Instituto de filosofia e Ciências Humanas/UFRGS, Porto Alegre: 2006.

BARTH, Fredrick. **Grupos Étnicos e Suas Fronteiras.** In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FERNART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade.** Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Unesp, 1998.

BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. *Revue de Synthèse Historique.* 6: 15-50, 1928. IN: BARROS, José D'Assunção. **História comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico.** Revista História Social. Campinas/SP, 2007. Núm 13, p. 07-21.

BOTTON, Fernando Bagiotto. **A imagem do homem: cruzamentos discursivos entre composição da imagem fotográfica e da masculinidade no final do século XIX.** OPSIS, Catalão, v. 11, n. 1, p. 125-141 - jan-jun 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 6ª edição. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989).** São Paulo: Unesp, 1990.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história : ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245p.

CONRADI, Carla. **O movimento dos Guarani de reocupação e recuperação de seus Territórios no Oeste do Paraná.** Congresso Nacional de História, Maringá/PR: 09 a 11 de setembro de 2009. DOI: 10.4025/4cih.pphuem.595

COSTA, Zeila. Tekoha Añetete: O reassentamento de um grupo indígena Avá-Guarani atingido pela construção da UHE Itaipu Binacional. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

COUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GIMENEZ, Gilberto. **Cultura, identidad y memoria. Materiales para una sociología de los procesos culturales en las franjas fronterizas.** Frontera Norte, vol. 21, núm. 41, enero-junio, 2009, pp. 7-32. El Colegio de la Frontera Norte, A.C. México.

GLANCEY, Jonathan. **A história da arquitetura.** Trad. BORGES, Luis Carlos & MARCIONILO, Marcos. São Paulo, Edições Loyola, 2001.

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço geográfico Guarany-Mbya: significado, constituição e uso.** Maringá,PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Unicamp. 1994.

MELIÁ, Bartomeu. **Território, cultura, história e identidade.** IN: SCHALLENBERGER, Erneldo (org.). *Identidades nas fronteiras: território, cultura e história.* São Leopoldo: Oikos, 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **A história, cativa da memória? para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 34, p. 16, 1992.

NORA, Pierre. **Projeto história.** Revista do programa de estudos em história da PUC-SP, São Paulo, v. 10, 1981.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica: de Platão a Pierce.** São Paulo: Annablume, 1997.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de, PEREIRA, Levi Marques, BARRETO, Lilian Santos. **Laudo antropológico referente à diligência técnica realizada em parte da área da antiga fazenda bananal, também conhecida como Santuário dos Pajés, localizada na cidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil.** Dourados (MS) – agosto de 2011. <http://brasil.indymedia.org/media/2011/10//498392.pdf>

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo.** São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sociedade e Cultura.** V. 6, N. 2, JUL./DEZ. 2003, P. 117-131)

PERASSO, José A. & VERA, Jorge. **La cultura Guarani en el Paraguay contemporaneo (etnografía ava-kue-chiripa).** Assunção : RP, 1987. 272 p.

PRUDENTE, Letícia Thurmann. **Arquitetura Mbyá-Guarani na Mata Atlântica do RS: Estudo de caso do Tekoá Nhüu Porã.** 2008. 164 f. Dissertação (Mestrado em engenharia Civil). Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

RIBEIRO, Sarah Y. G. T. **O horizonte é a terra: manipulação da identidade e construção do ser entre os Guarani no oeste do Paraná (1977-1997).** PUC-RS: Porto Alegre , 2002. (Tese de Doutorado).

SANTOS, Milton. **Território e sociedade.** 2ª reimp. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Jovane Gonçalves dos. **Entre homens e diabos: uma etnografia dos Guarani Nhandéva sofreadores do – jepotá.** 2012. Dissertação (Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Campus Toledo.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani.** São Paulo: EPU, Ed. Da universidade de São Paulo, 1974.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **O Guairá e o espaço missioneiro: índios e jesuítas no tempo das missões rio-platenses.** Cascavel – PR: Coluna do Saber, 2006.

\_\_\_\_\_. (org.). **Identidades nas fronteiras: território, cultura e história.** São Leopoldo: Oikos, 2011.

SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. **A arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena.** São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

SILVA, Janice Theodoro & SILVA Aracy Lopes da. **O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material.** IN: SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi (orgs.) A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. 3ª Ed. – São Paulo: Global. 2000. (369-406).

\_\_\_\_\_. **Memória e esquecimento.** Revista de Divulgação Cultural, Blumenau, v. 13, n. 44, p. 63-69, jul./ago. 1990.

SILVA Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** Ed. Contexto – São Paulo: 2006.